

TRECHO DE “O MARIDO PERFEITO MORA AO LADO”

I

Por que estamos aqui? Sei lá! Culpa dele, só dele. Responde aí, Carlinho! Ele não fala, ficou mudo. Fala, Carlinho! Conta a nossa história. São dez anos. Conta tudo, desde o começo. O primeiro encontro, o vinho, as flores, o beijo. Não, o beijo não. Disso ele não lembra mais. Depois de um tempo só ficam aqueles estalinhos de boa noite, como dois compadres siberianos. E as promessas, claro.

Conta pra ela, Carlinho! Como não prometeu nada? Cadê o cara que abria a porta do carro, que elogiava o vestido, que recitava poesia no ouvido, que me olhava com fome e enfiava a língua na minha garganta? Você inteiro foi uma promessa. Ninguém avisou que tinha prazo de validade.

É por isso que estamos aqui, doutora. Eu te chamo de doutora ou pelo nome mesmo? Então prefiro doutora. A senhora pode me chamar de Olga. Não gosto de formalidades. Não é, Carlinho? Fala, Carlinho! Isso aqui é pra nós dois. Terapia de Casal. Pra mim e pra você, entendeu? Continua contando!

Pula pro apartamento. Não é sexo, Carlinho! Quer que eu fale de prazo de validade outra vez? Fala do apartamento, quando fomos morar juntos. Eu sei, você não me convidou. Meus sapatos é que invadiram o teu closet, os vestidos se apossaram dos cabides e as blusas invadiram as gavetas. Pra que você precisava de tantas camisas listradas? E a coleção de calças de lã? No Rio de Janeiro, Carlinho!? Você não convidou, mas também não desconvidou. Outra promessa.

Claro que era uma promessa. Fiz comidinha, arrumei a cama, até lavei a louça. Uma esposa vitoriana, que nem a tua mãe, a tua avó e toda a italianada da tua família. Como não era esposa? Essa era a maior das promessas.

Você era perfeito, Carlinho.

II

Todo encontro é também despedida. Claro que entendi, doutora. Sou neurótica, mas não sou ignorante. Você tá me dizendo que tudo que começa um dia acaba. Mas quando

acaba? A gente já acabou, Carlinho? Fala, Carlinho! Não pode ter acabado, senão por que estaríamos aqui? Terapia de casal é pra juntar o casal, não pra separá-lo. Não é isso, doutora?

Como não sabe? Depende do quê? De mim é que não pode ser. Vim aqui por causa dele. Por mim, já estaríamos em lua de mel pela Europa, alimentando os pombos na Praça de São Marcus, subindo na Arco do Triunfo, comendo pastéis de nata no Mosteiro dos Jerônimos. Tudo bem, vou confessar: não estamos juntos há dez anos. É muito menos. Só que parecem dez anos de verdade. Conheço cada detalhe do Carlinho, cada cheiro, cada passo, cada gosto, cada riso, cada espirro, cada camisa, cada botão de cada camisa.

Ele também me conhece. Não é, Carlinho? Conta pra ela! Eu sou a Olga, doutora. Não tenho mistérios. Sou transparente, limpa, uma mulher sem segredos. Toda mulher tem segredos, eu sei. Mas os meus não escondem nada. São besteiras sem importância.

Nunca trai nenhum namorado. Talvez em pensamento, mas isso não conta, né? Eu até dou aquelas olhadas pros homens bonitos, bem vestidos, como todas fazem. Mas fica por aí. Jamais quis entrar em aventuras passageiras. Esse negócio de beijo escondido e motel na Barra não me seduz. Ou será que seduz? Tá fugindo do assunto, doutora. Por que me fez essa pergunta?

Não quero me separar. Tenho certeza. O Carlinho também não. Não é, Carlinho? Sei: você acha que não seria separação porque não estamos mais juntos. Isso é mentira. Claro que estamos juntos. Não estamos casados, mas somos um casal. Posso não ter um papel, mas me sinto casada. Nós nos sentimos casados.

O Carlinho não fala muito, mas sei o que sente. Nas noites de sábado, depois que ele enche a cara de cerveja e deita no sofá, fico observando o modo como respira fundo, puxando o ar com força, formando um ronco áspero, torto. Naquele ronco vejo todos os problemas que ele carrega, tudo que precisa suportar, tudo que tem de aguentar. É um ronco de libertação, doutora. Ao expirar, a angústia vai embora. O mundo vai embora. E eu estou lá, pra velar o sono e ver o mundo passar. O Carlinho sabe disso.

O dia dele é uma pedreira, uma luta sem fim. Sempre trabalhou pelos outros, pensando nos outros, no coletivo. Nunca fez nada pra ele mesmo, em proveito próprio. Carlinho é um herói, doutora. Sempre foi. Desde a adolescência. Foi líder estudantil, enfrentou a ditadura, montou uma coluna militar, encarou a tortura, cuspiu nos traidores. Um herói, doutora.

Hoje, vive esquecido. Só eu dou o valor que ele merece. A sociedade já o esqueceu. Os amigos o esqueceram. A família também. Quem disse que ele não tem idade pra ter lutado contra a ditadura? Conta pra ela, Carlinho! Essas coisas enganam, doutora. A tortura deixa marcas. Algumas pessoas envelhecem rápido, outras parecem mais novas. É por causa do eletrochoque. Aquilo acaba com os neurônios, deixa a pele lisinha. Tem muita mulher que toma choque hoje em dia só pra ficar com cara de menina. Sabia disso? Essas peruas não têm noção!

O Carlinho é frágil, precisa de proteção. Já reparou como ele é baixinho? Claro que é, olha bem! Não posso deixar que cheguem muito perto dele. Não é seguro. E se levar um esbarrão no meio da rua? Ou uma fechada no trânsito? Já pensou se o motorista sai do carro com uma arma? Não tô te chamando de fraco, Carlinho. Desculpa. Quando disse que você era um frangote, estava nervosa. Foi sem querer. É que eu não aguento essa tua indecisão. A pior palavra do mundo é o “talvez”, doutora. O “talvez” aprisiona a gente no desejo do outro. Tenho que ficar esperando que ele se decida pra continuar com a minha vida. É um horror!

Olha pra minha unha, doutora. Estou horrível! Não tive tempo de passar na manicure. Nem no cabeleireiro. Na semana passada, a menina do salão me disse: Olga, esse teu cabelo parece uma esponja de banheira. Fiquei arrasada. Mas o que eu podia fazer? Não dava tempo pra uma escova completa. Tinha que pegar o terno do Carlinho no tintureiro. Sábado, a gente tem um casamento. Vai ser um inferno. Todo mundo perguntando: quando vai chegar a vez de vocês? Tão ficando velhos! Vai ficar pra titia, Olga? São uns invejosos!

Não, o Carlinho não foi meu segundo namorado. Nem o terceiro, nem o quarto, nem o quinto. Vai ser muito cafona se eu falar que foi o único, mas é isso mesmo. Sinto como se fosse o único, o único pelo qual vale a pena estar aqui, nesse consultório escuro, contando a minha vida.

Por que querem tirá-lo de mim, doutora? Por quê?

III

Ontem, recebi um desses e-mails de mulherzinha. Sou ligada na internet, mesmo. É minha melhor companhia, doutora. Na rede, posso ser quem eu quiser. A Angelina Jolie, a Gisele Bündchen, a Jéssica Biel. Dá até pra ser a mulher maravilha, com cintinho vermelho e tudo. Na internet, a Olga não existe. Ninguém me conhece. Ninguém sabe meu peso, minha altura, a cor do meu cabelo. Não sabem se estou na TPM, se comi cebola crua, se

quero matar a mãe do Carlinho. Não, não quero matar a tua mãe, Carlinho! É só força de expressão. Deixa de ser paranóico!

Posso falar do e-mail, agora? Fica calado um minuto, Carlinho! Isso é terapia de casal, tem que dar um espaço pra mim.

É o seguinte: o cara chama a mulher pra jantar. Não, não é real. Tô só contando o que tava no e-mail. Começa assim: com um convite pra jantar. É de manhã e o convite é pro final do dia, claro. A mulher aceita como se fosse a coisa mais natural do mundo, mas sabe que seu inferno astral acaba de chegar. Ela tem que estar preparada. Primeiro, entra numa dieta zero pra não parecer gorda no primeiro encontro. Fica a manhã inteira só bebendo água, mas quando está quase desmaiando come uma fatia de queijo e duas barras de chocolate. Acaba engordando o dobro.

Depois tem que fazer pé e mão. Não é frescura. Pode estar nevando pra você usar suas botas de cano alto. Não importa. Se o sujeito resolve ir a um restaurante japonês, já era. Aquela cutícula do tamanho de uma azeitona vai ficar do lado de fora. Ou você acha que a meia esconde essa unha horrível? Com o cabelo é a mesma coisa: hidratação, escova, retoque da raiz. Pronto, a tarde já foi embora. E ainda tem a depilação. Pois é! Vai que rola alguma coisa!? Então também tem que usar uma lingerie apertada na bunda, daquelas que incomodam mais do que pêlo encravado, porque ninguém fica com tesão em calcinha cor da pele. E se é assim, vale uma passada correndo no shopping pra comprar um vestido novo. Mas como o Zé Mané nunca comunica pra onde vai te levar, você não sabe o que escolher: fica que nem um zumbi vagando pelos corredores, louca, insana, desesperada. Sem falar na maquiagem, no banho com sais, na esfoliação com esponja de aço. A hora já chegou e você está em pânico. Mesmo assim, fica prontinha para o encontro. Não atrasa nem um minuto.

Só que, faltando trinta segundos, ele te liga pra cancelar. *Pintou um problema aqui no escritório, querida.* Dá vontade de cravar o salto na cabeça do infeliz!

É assim que eu me sinto, doutora. Faço tudo pela gente, mas o Carlinho sempre cancela nosso jantar. Não interessa que eu tenha separado cílio por cílio com um palito de dentes, que tenha caprichado no rímel, malhado glúteo, usado sabonete aromático, feito massagem. Que tenha me encolhido num vestido micro, sem respirar, só pra parecer mais sensual. Que não sinta mais os dedos do pé devido ao princípio de gangrena por causa do sapato de bico fino. Não importa. Pra ele, tudo é muito simples: basta colocar uma calça jeans,

vestir a camisa pólo e calçar um sapato qualquer. Pode cancelar o mundo que nada de grave vai acontecer. Não é isso, Carlinho?

Foi só um e-mail, doutora. Mas bateu fundo. Nem sei quem é o autor. Deve ser um desses textos anônimos que circulam pela internet. Mas pareceu escrito pra mim. Só pra mim.

Minha vida é um jantar cancelado.